



## O monstro do orgulho

Dentre os efeitos colaterais da queda, o mais destrutivo para a espiritualidade do homem e expressão mais clara do pecado é a autossuficiência. A autossuficiência foi um dos combustíveis da tentação no Éden, visto que Eva veio a desejar o fruto, em especial por causa dos efeitos que ele teria sobre sua condição de criatura (Gn 3). O fruto daria a eles conhecimento e poder que fariam com que ela e Adão não fossem mais meras criaturas, mas estivessem em pé de igualdade com o Criador. Assim, eles poderiam cortar qualquer vínculo de dependência e serem como deuses, autossuficientes, não precisariam mais depender da bondade do Criador. A queda foi uma consequência da não aceitação da condição de criatura, do desejo de ser o próprio Criador.

O desejo de ser seu próprio deus passa a habitar profundamente a alma humana desde a queda. Bertrand Russel, famoso pensador ateu do século XX, afirmou que “se fosse possível, todo homem gostaria de ser Deus. Apenas alguns poucos, no entanto, admitem que é impossível”. Enquanto na antiguidade a sociedade levava o indivíduo a pensar mais socialmente, a modernidade ampliou tanto a margem dentro da qual uma pessoa pode agir sem levar em conta o outro que isso acabou desembocando em um tempo em que a maior coisa que existe é o “eu”, um eu autossuficiente.

A autossuficiência é apenas um termo relativamente novo para uma realidade que as Escrituras apontam como sendo o orgulho do coração corrompido pelo pecado. Orgulho, arrogância, soberba, altivez de espírito, dureza de coração. Todos estes termos são usados para se referir a uma postura decorrente de um profundo sentimento de superioridade que rebaixa todos à volta, que se julga superior ao próximo, levando a nos sentirmos melhores e maiores. As Escrituras denominam essa postura de “soberba”. Por muitas vezes vamos ouvir os escritores bíblicos nos dizendo que o Senhor odeia a soberba: “Deus resiste aos soberbos” (Tiago 4.6<sup>A</sup>).

O orgulho não é uma característica exclusiva de uma pessoa ou outra, mas um lugar comum de todos nós filhos de Adão e filhas de Eva. O profundo desejo de não darmos satisfação de nossa vida a Deus e o sentimento de superioridade para com o próximo são sintomas que podem ser sentidos e cada coração humano. É importante notar que a soberba, ao contrário do que deveríamos esperar, é o caminho mais curto para a ruína e para a destruição. Como afirmou o autor de Provérbios, “a soberba precede a ruína, e a altivez de espírito a queda” (Pv 16.18).

## O remédio perfeito

Contudo, como para cada área destruída de nosso ser existe uma graça da parte do Criador, para o nosso orgulho e arrogância também há um santo remédio: a disciplina espiritual do serviço. Willard nos lembra: “Pelo serviço, nós engajamos nossos bens e forças na promoção ativa do bem dos outros e da causa de Deus no mundo. Aqui temos de fazer uma importante distinção. Nem todo ato que *pode* ser feito como uma disciplina *precisa* ser feito como uma disciplina. Muitas vezes, eu serei capaz de servir a outras pessoas simplesmente como um ato de amor e de justiça, sem considerar como isso pode melhorar minha habilidade de seguir a Cristo. Certamente não há nada de errado com isso, e pode até fortalecer minha vida espiritual. Mas eu posso também servir a outras pessoas para me afastar da arrogância, do egoísmo, da inveja, do ressentimento e da cobiça. Neste caso, meu serviço é empreendido como uma disciplina para a vida espiritual”.<sup>1</sup>

O serviço é a nossa disposição de empregarmos nosso tempo, recursos e habilidades para servirmos as pessoas que estão próximas a nós, nos colocando em uma posição humilde com relação a elas uma vez que a estamos servindo. Obviamente, não é necessário sequer dizer que muitas pessoas que estão em posição de serviço não tem a motivação de servir. Podemos sentir superioridade e arrogância em seu serviço. Contudo, para que o servir seja de fato uma disciplina temos de compreender que servir não é apenas o que fazemos do lado de fora, mas o que fazemos do lado de fora a partir de uma motivação do lado de dentro.

O serviço é a disciplina da humildade, a disciplina que nos ajudará a lidar com nosso orgulho tantas vezes descontrolado e inflado, para que venhamos a nos ver como de fato somos: homens e mulheres que temos defeitos e virtudes, e que dependemos absolutamente do nosso Criador.

Portanto, o serviço como disciplina tem alguns indicadores importantes: servir sem controlar, servir sem superioridade, servir sem exigir nada em troca, servir para crescer em Cristo e não para ganhar pontos com as pessoas ou

<sup>1</sup> WILLARD, Dallas. *O espírito das disciplinas*, p. 183.

ter o direito de exigir serviço em troca no futuro. Para servir assim, precisamos de um modelo, precisamos de um Servo que nos ensine a servir.

## O modelo do serviço

A disciplina do serviço, como as demais, não deve ser feita de qualquer maneira, uma vez que não se trata do mero ato exterior de servir alguém mas sim de uma disciplina cujo objetivo é nos fazer mais semelhantes a Jesus. Obviamente, nosso modelo de serviço não poderia ser outro senão nosso Senhor e Salvador. Jesus viveu intensamente a realidade do serviço ao longo de sua vida. Curando os doentes, ensinando as multidões ou mesmo ensinando seu grupo de aprendizes, Jesus mostrou a todo tempo o serviço que vai em direção ao outro motivado pelo amor, cheio de graça e de verdade. Entretanto, nenhuma outra imagem nos mostra com tanta vida e cor o Jesus servo como a narrativa do lava pés que João nos legou em seu Evangelho (João 13.1-20).

João nos conta que no início da última ceia o ambiente era bastante complexo e até meio turvo. No meio de toda aquela agitação, Jesus, que era a pessoa mais honrada daquele banquete, o anfitrião, deixa seu lugar de honra e após tirar sua veste de anfitrião e tomar uma toalha, passou a assumir o lugar do mais simples reles escravo. O escravo que lavava os pés dos convidados de um banquete antes destes tomarem seus lugares era o mais baixo tipo social do tempo de Jesus, o menor entre os próprios escravos.

Não é de se estranhar que Pedro tenha se sentido desconfortável ao ver seu Mestre naquela posição e tenha se negado a ter seus pés lavados, no que foi repreendido por Jesus. Após lavar os pés a todos, inclusive de Judas, Jesus passa então a esclarecer sua lição, mostrando que se ele mesmo havia servido os discípulos, então eles deveriam de semelhante maneira servir uns aos outros. “Eu dei o exemplo a vocês para que vocês façam da mesma forma” (Jo 13.15). A palavra utilizada por Jesus é “paradigma”, ou seja, um modelo, um estilo de vida a ser seguido.

O serviço de Jesus por seus discípulos era a expressão mais clara de seu amor sacrificial por eles, o tipo de amor que o havia levado a abrir mão da eternidade para se tornar homem, o mesmo amor que o levaria para a cruz. Amor sacrificial. Nosso modelo de serviço é o próprio Jesus, que lavou os pés de seus aprendizes e morreu por eles e por nós. Paulo foi alguém que compreendeu a lição de serviço de Jesus, embora não tenha sido um dos primeiros discípulos. Na abertura das epístolas escritas aos romanos (1.1) e aos gálatas (1.10), Paulo usa um termo grego para se referir a si mesmo: *doúlos*. O *doúlos* era o escravo responsável por lavar os pés dos convidados dos banquetes, bem como lavar as latrinas e outros serviços que lhe eram atribuídos. Este escravo era o menor entre os escravos.

Certamente Paulo havia compreendido a lição de Jesus, e embora tenha sido o mais operoso dentre os apóstolos, não governou com poder ou mesmo orgulho sobre as comunidades que plantou ao longo de suas viagens missionárias, mas a serviu com o mesmo espírito e disposição que Cristo antes havia lavado os pés aos seus discípulos.

## A motivação para servir

Para que o serviço venha se tornar uma disciplina poderosa em nossas vidas, é necessário que a motivação esteja alinhada com as motivações do próprio Jesus Servo. O apóstolo Paulo deixa claro essa necessidade de uma motivação acertada em sua Epístola aos Filipenses, capítulo 2, versos 1 ao 11. Este trecho, conhecido como Hino da Kenosis<sup>2</sup>, nos mostra que para alcançarmos uma comunhão baseada em amor e unidade, que é o contrário do orgulho e da arrogância, devemos estar cheios de humildade, considerando o nosso irmão superior a nós mesmos! (v.3). Isto fará com que nos preocupemos com nosso semelhante antes mesmos de pensarmos em nós.

Contudo, como vamos conseguir esse desprendimento de considerarmos nosso próximo superior a nós mesmos e servi-lo? A partir do verso 5, Paulo começa então a invocar o exemplo de Jesus, que mesmo sendo Deus, se esvaziou tornando homem, tornando-se servo, caminhando para a morte em nosso lugar, morte de cruz. Paulo nos mostra o exemplo de Jesus que se esvaziou, descendo e descendo cada vez mais até a cruz.

A única motivação que pode tornar nosso serviço uma disciplina em que Cristo venha crescer em nós é o amor que nos leva a nos esvaziarmos assim como Jesus, por amor a nós, se esvaziou. Assim como Jesus lavou os pés de seus discípulos por amá-los, devemos servir, pois o amor “não se ensoberbece” e “não procura os seus interesses” 1Co 13.4,5.

---

<sup>2</sup> O termo *kenosis* vem do grego e significa esvaziar-se, mostrando que esse trecho revela o processo de esvaziamento de Jesus de si mesmo para se colocar ao nosso lado como Servo Salvador.